EXPEDIÇÃO AO JALAPÃO (1)

Cresci e sempre vivi em cidades, especialmente em Franca, onde nasci. Toda minha vida profissional foi centrada no estudo e no trabalho sobre cidades, como arquiteto e urbanista. A vida no campo nunca me atraiu, sempre fugi dos convites para ficar em fazendas, acampar e viver com a natureza bruta, esse tipo de coisa. Nada disso me impediu de ser um ecologista meia-sola, que já plantou árvores e que defende a preservação ambiental como necessária à vida do planeta. No entanto, as viagens que costumo fazer geralmente incluem cidades, com visitas a seus centros culturais, exposições, arquiteturas diferenciadas. Por isso, quando vi o anúncio de uma viagem ao Jalapão organizada pela NenaTur, a agência criada por meu falecido amigo Ademir, cuja sede teve o projeto elaborada por mim e pelo arquiteto Luiz Antônio Pereira, eu mesmo não entendi bem porque fiquei tão interessado.

Conhecia muito pouco sobre o Jalapão, região do Tocantins, informações quase sempre voltadas para um turismo de aventuras, tipo Rally dos Sertões. As fotos das dunas da região remetem a cenários paradisíacos, contraditório com a falta de um mar próximo. Enfim, um lugar distante e desconhecido. Argumentei em casa que seria uma última aventura, que logo não teríamos mais idade para enfrentar essas coisas, o tempo que nos resta não poderia ser desperdiçado, era agora ou nunca. Em parte estava certo, em parte errado, como verão. Resolvemos ir.

Outro aspecto que levamos em consideração é que o programa permitiria conhecer uma cidade que desde sua criação tinha vontade de visitar: Palmas, a última capital brasileira do século XX a ser projetada desde o início, implantada como uma forma de ocupar e trazer o desenvolvimento à região central do novo estado. Fundada em 20 de maio de 1989, Palmas surgiu da necessidade de um centro administrativo para o recém-criado estado do Tocantins, que havia sido desmembrado de Goiás pela Constituição de 1988. O nome "Palmas" foi escolhido em homenagem à comarca de São João da Palma, um marco separatista da região, e também pela abundante presença de palmeiras na área.

O projeto urbanístico foi desenvolvido por uma equipe liderada pelos arquitetos Walfredo Antunes e Luiz Fernando Cruvinel Teixeira, chamado GrupoQuatro de Goiânia, escolhidos por determinação pessoal do governador Siqueira Campos, o primeiro do estado e que definiu as diretrizes para o projeto, exigindo a colocação do palácio do governo no ponto mais alto, a dominar a cidade. O discurso dos arquitetos nos relatórios e entrevistas é que a cidade não deveria reproduzir os erros de Brasília e do urbanismo modernista, como o rodoviarismo, a segregação de usos e outros aspectos.

A organização da expedição foi impecável em termos de horários, atividades, estrutura, fazendo jus à memória do velho amigo Ademir. Na reunião de alinhamento às vésperas da partida, um susto. Pensei que seríamos os mais velhos, uma viagem para jovens aventureiros. Ledo Ivo Indiano engano. 80% da turma era de idosos, alguns mais velhos que nós, que foram conversando e rindo e voltaram rindo e conversando, deram mais conta do que nós. Saímos da Franca do Imperador rumo a Palmas à uma da madrugada de um domingo, primeiro de ônibus até o aeroporto de Ribeirão Preto, voo às 5h30 a Campinas com conexão para Palmas, às 10h30 da manhã estávamos no aeroporto da capital do Tocantins, bem estruturado para uma cidade do seu porte e melhor que o de Ribeirão, que vive bagunçado por reformas privatizadas. Ao sair para o transfer rumo ao hotel, uma cena de "Jamaica abaixo de zero" ao contrário: uma lufada de ar quente nos fez arrancar as blusas imediatamente. A temperatura alta e a secura do ar eram apenas o início. Do aeroporto ao hotel, fomos vendo a cidade, os cursos d'água, o cerrado sendo substituído por grandes empreendimentos imobiliários da iniciativa privada – lotes isolados a quilômetros dos empregos em meio ao cerrado, a criação de imensos vazios urbanos ao vivo e a cores.(continua)

Mauro Ferreira é arquiteto